

NARRATIVAS DO FEMINICÍDIO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PORTAL GZH SOBRE CASOS OCORRIDOS NO RIO GRANDE DO SUL EM ABRIL DE 2025

MARIA EDUARDA MELO DA SILVA LOPES¹; MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mariaeduardamslopes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marislei.ribeiro@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Em 2024, o Brasil alcançou recordes históricos ao registrar 1.492 feminicídios, o equivalente a uma mulher assassinada a cada seis horas. No Rio Grande do Sul, conforme dados da Polícia Civil, foram registradas 72 vítimas do crime. Dentre elas, apenas 14 possuíam Medidas Protetivas de Urgência (MPU). Em 84,7% dos casos, o autor era companheiro ou ex-companheiro da vítima. Já em 2025, até o mês de junho, foram contabilizados 30 feminicídios. Apenas 20% deles ocorreram durante a Sexta-feira Santa do feriado de Páscoa, no dia 18 de abril, quando 6 mulheres foram assassinadas em razão de gênero no estado. Registrados nos municípios de Parobé, Feliz, São Gabriel, Viamão, Bento Gonçalves e Santa Cruz do Sul, as vítimas tinham idades entre 21 e 54 anos.

Diante desse cenário, o portal de notícias Gaúcha Zero Hora (GZH), principal veículo de comunicação sul-rio-grandense, publicou uma matéria reunindo informações acerca dos 6 casos em questão. Neste sentido, o jornalismo, como mediador entre a realidade e a sociedade, pode influenciar diretamente a percepção e a interpretação pública através da maneira como escolhe produzir as notícias de violência de gênero, visto que, os veículos jornalísticos não apenas reforçam a formação de uma opinião, mas colaboram efetivamente para esta, e em algumas situações, exercem até uma ação verdadeiramente condutora (FILHO, 1989).

Considerando o apresentado, levanta-se a questão problema: como a imprensa gaúcha está noticiando os casos de feminicídios ocorridos no Rio Grande do Sul? Sendo assim, o trabalho tem como objetivo geral identificar as narrativas utilizadas pela GZH na pauta dos feminicídios ocorridos na Sexta-feira Santa de 2025 no estado do Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, busca verificar a presença de elementos não recomendados à cobertura de feminicídios, tais como o uso de sensacionalismo, descrições gráficas ou descontextualização da violência de gênero, assim como entender de que forma a cobertura noticiosa do veículo pode influenciar como o público compreende a ocorrência de feminicídios. Para isso, foi utilizada a metodologia da Análise de Conteúdo (AC), pela ótica de BARDIN (2011), através da análise categorial.

2. METODOLOGIA

Como mencionou-se anteriormente, a metodologia escolhida para o trabalho foi a Análise de Conteúdo (AC) pela perspectiva de BARDIN (2011), pois, aplicada no jornalismo, a AC nos ajuda a compreender o que diz a mídia, para quem, em que medida e com que efeito (HERSCOVITZ, 2007). O corpus de pesquisa consiste na matéria¹ veiculada pela GZH, no dia 18 de abril de 2025,

¹ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2025/04/rio-grande-do-sul-registrou-seis-feminicidios-nesta-sexta-feira-cm9nd28ja001a01ktb69wfpl1.html>>. Acesso em: 11 ago. 2025.

acerca dos seis casos de feminicídio ocorridos no Rio Grande do Sul, durante a Sexta-feira Santa.

Através da análise categorial (BARDIN, 2011), criou-se quatro categorias, sendo elas 1) descrições gráficas, 2) sensacionalismo, 3) mecanismos de enfrentamento e 4) atenuação do crime. Tais categorias foram determinadas por abranger elementos comuns nas coberturas noticiosas de feminicídio, como a descrição de detalhes explícitos e chocantes sobre a maneira como o crime foi executado, uso de elementos apelativos e dramáticos, a menção sobre os recursos legais disponíveis para a prevenção e combate à violência contra a mulher e, por fim, uma linguagem que descontextualiza ou atenua a gravidade do fenômeno. Sendo assim, a análise considerou exclusivamente o texto noticioso da matéria e as frases foram selecionadas por meio de elementos discursivos que se destacaram conforme as categorias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

CATEGORIAS	LINGUAGEM (TEXTO DA MATÉRIA)
<p>Descrições gráficas Presença ou descrição de detalhes explícitos e chocantes do crime, que podem reforçar a espetacularização e a naturalização da violência de gênero.</p>	<p>“Em Parobé, no Vale do Paranhana, uma mulher de 25 anos foi morta a facadas por volta das 5h desta sexta-feira (18).”</p> <p>“Segundo a polícia, a mulher foi ferida por pelo menos três golpes de faca.”</p> <p>“Também na madrugada desta sexta-feira (18), em Feliz, no Vale do Caí, um casal foi morto com golpes de faca.”</p> <p>“O autor dos golpes foi encontrado ferido na piscina do imóvel, com uma facada no crânio.”</p> <p>“Na tarde desta sexta-feira, por volta das 14h30min, em Viamão, Região Metropolitana, Patrícia Viviane de Azevedo, 50 anos, foi morta a tiros.”</p> <p>“Uma mulher, identificada como Jane Cristina Montiel Gobatto, de 54 anos, foi morta a facadas pelo companheiro, de 64 anos, na tarde desta sexta-feira (18), em Bento Gonçalves, na Serra.”</p> <p>“Conforme as informações da Brigada Militar, a vítima foi atingida por golpes de faca na região do pescoço.”</p> <p>“Uma mulher foi assassinada a facadas em Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo.”</p>
<p>Sensacionalismo Uso de linguagem apelativa e/ou dramática relacionada aos acontecimentos dos casos para atrair a atenção e chocar, envolvendo o sofrimento das vítimas e familiares.</p>	<p>“Por volta das 12h desta sexta-feira, em São Gabriel, na Fronteira Oeste, Juliana Proença, 47 anos, foi morta por golpes de faca no pescoço, na frente da filha de seis anos.”</p>

<p>Mecanismos de enfrentamento Menção sobre recursos institucionais e legais disponíveis para a prevenção e o enfrentamento da violência contra a mulher e o feminicídio.</p>	<p>“Conforme a Polícia Civil, a mulher não tinha medida protetiva contra o ex-companheiro.”</p> <p>“A vítima não tinha medida protetiva contra o suspeito do crime.”</p>
<p>Atenuação do crime Presença de linguagem que descontextualiza, relativiza ou atenua a gravidade do feminicídio, seja por meio de justificativas emocionais, histórico do agressor, uso de drogas ou ausência de antecedentes criminais.</p>	<p>“A polícia solicitou a prisão preventiva e investiga o caso, assim como as suas possíveis causas.”</p> <p>“Conforme boletim de ocorrência, ele invadiu a residência das vítimas, pouco depois da 1h30min, após ver uma publicação do casal junto nas redes sociais.”</p> <p>“Disse que ele e a vítima estavam separados há um tempo. Mas, alegou que a mulher invadiu a casa dele para agredir ele.”</p> <p>“O suspeito do crime é o companheiro, que era usuário de cocaína, mas não tinha antecedentes, segundo a Polícia Civil.”</p>

Quadro 1: análise categorial do corpus de pesquisa da fonte GZH.

A análise revelou que a categoria descrições gráficas obteve a maior frequência, com o total de 8 elementos categorizados. Com a menor frequência, a categoria sensacionalismo contabilizou somente 1 elemento. Os mecanismos de enfrentamento disponíveis para o combate e prevenção da violência contra a mulher, e em sua última instância o feminicídio, aparece apenas 2 vezes ao decorrer da matéria, quando menciona a ausência de MPUs por parte das vítimas. Por fim, a categoria atenuação do crime registrou uma frequência de 4 elementos.

A primeira questão que se destaca é a presença de uma grande quantidade de descrições gráficas no texto, que constroem um teor sensacionalista para a linguagem jornalística. Nas categorias denominadas, combinam-se sequências de frases que apresentam o detalhamento explícito e gráfico das maneiras que os crimes foram cometidos pelos autores, além de termos dramáticos que envolvem as vítimas e seus familiares. Em relação ao interesse público da informação, mesmo que a exposição das circunstâncias seja necessária para que possamos compreender a ocorrência dos fatos, a problemática se refere à exploração de determinadas particularidades que, em geral, não acrescentam à noção geral.

Conforme PRADO e SANEMATSU (2017), a mídia possui uma preocupação inadequada em como o feminicídio foi cometido, se debruçando nos pormenores da violência. MORENO (2017) alerta que essa tendência pode resultar na banalização de tais violências, pois a constante exposição apresentada pela imprensa, onde apenas se relata o *modus operandi* do crime e o contexto por trás do fenômeno não é explorado, faz parecer que elas são gratuitas. Dessa forma, a falta de contextualização desconecta a percepção pública do feminicídio como um problema social que existe graças a desigualdade de gênero, pois as relações de gênero presentes em nossa sociedade preconizam relações de poder através de diversos mecanismos de opressão, em que o feminino é subjugado pelo masculino (SAFFIOTI, 2017).

Em vista disso, na categoria de atenuação do crime, estão presentes elementos que retiram o feminicídio de seu contexto ao mencionar justificativas

emocionais, o histórico do agressor e a ausência ou presença de antecedentes criminais, além do uso de substâncias ilícitas. Novamente, essa escolha de abordagem noticiosa pode construir um sentido de que o crime foi um caso isolado. Entretanto, o feminicídio não acontece de maneira premeditada e não é planejado: é o estágio final de um ciclo de violências estruturais existentes por trás de relações hierárquicas de gênero.

4. CONCLUSÕES

Com a realização deste trabalho, foi analisado o olhar sobre a violência de gênero no jornalismo, especialmente como os casos de feminicídios estão sendo apresentados pela mídia gaúcha. Conclui-se que a produção noticiosa do portal GZH, acerca dos casos ocorridos na Sexta-feira Santa, no estado do Rio Grande do Sul, apresentou um padrão normativo de usos de elementos inadequados, como descrições e detalhamentos gráficos excessivos de violência, além da descontextualização e da falta de aprofundamento dos fenômenos existentes por trás do feminicídio. Dessa forma, essas escolhas narrativas podem prejudicar a construção de uma noção social acerca da violência de gênero e do feminicídio, ao desconectá-los de suas complexidades, simplificando as informações e usando recursos como a violência para chocar o público. Para MORENO (2017, p. 34), esses casos costumam aparecer na mídia isolados de seus contextos, ponderações e consequências, tornando-se visível somente quando tem o potencial de atrair e prender a atenção, sendo personalizados e explorados imageticamente.

Assim, embora exista progresso na maneira como o jornalismo escolhe abordar casos de feminicídios, superando padrões como a culpabilização da vítima e a romantização do crime, ainda existe espaço para melhorias. O jornalismo deve cumprir sua função social como agente de mudanças e se posicionar como uma ferramenta de transformação de desigualdades sociais, culturais e históricas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FILHO, C. M. **Capital da notícia**: jornalismo como produção da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Ed.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MORENO, R. **A imagem da mulher na mídia**: controle social comparado. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2017.

PRADO, D.; SANEMATSU, M. et al. (Orgs.). **Feminicídio: #InvisibilidadeMata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.